



# O Escusado

## De menino a ancião

Três centenas e meia de páginas fascinantes. Apenas 250 exemplares. Luís Vasconcelos Franco, *escusado* será dizer, surpreendente como sempre.

Mais um livro executado na Gráfica Açoreana, Lda., o que me vem dar um prazer especial por saber que ainda há quem olhe para as “pequenas gráficas” que não merecem morrer soçobrando no mar cada vez mais profundo dos grandes promotores de livros e livreiros que preferem os “tubarões editoriais”, muitos deles exteriores e estranhos à Região, em detrimento de quem aqui investe com *sangue, suor e lágrimas*. Fique o desabafo que acho que não é *escusado*, com um abraço ao Luís Vasconcelos Franco por ter escolhido a Gráfica Açoreana Lda. para editar o seu livro.

O *Escusado* (por graça os amigos da família chamavam-me o Luís ESCUSADO. Poderiam ter dito o ‘Extemporâneo’) – *De menino a ancião*, é uma espécie de diário, ou melhor, uma história de vida recheada de fascinantes estórias.

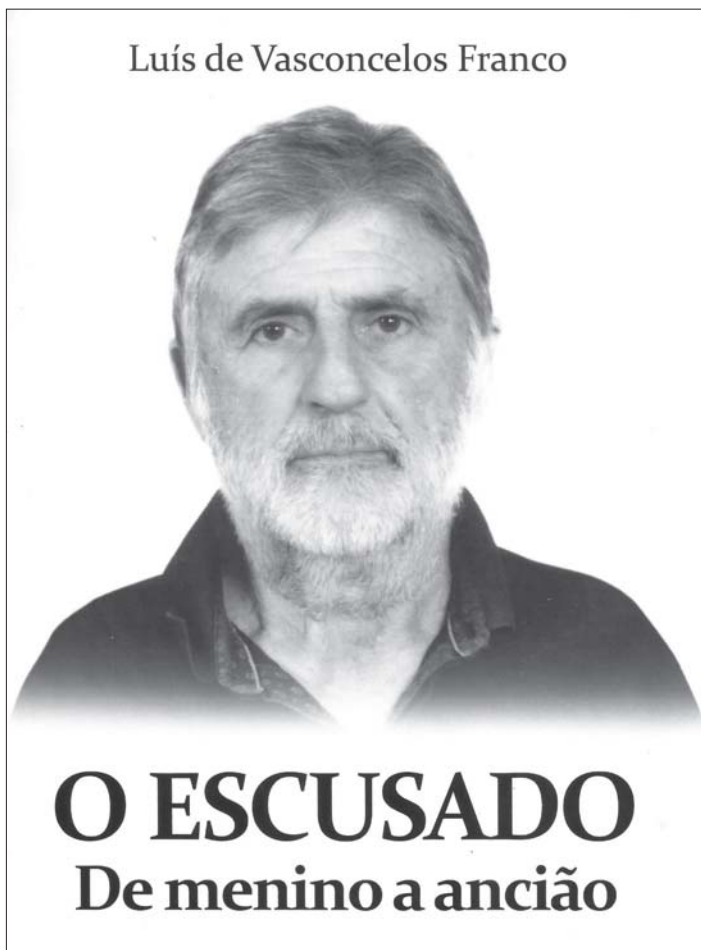
Personalidade multifacetada e imprevisível, Luís Franco revela neste livro um valor que não é comum a muita gente: a capacidade de expor, expondo-se com frontalidade, mas com o cuidado de nunca expor nem diminuir ninguém, mesmo aqueles a quem apetecia “fazer justiça”, ou dar um bom sopapo, como ao tal professor no Livramento.

No prefácio do livro, Américo Viveiros afirma, a terminar que *“assim se revelam os homens bons”!* E é mesmo! Embora sem nunca ter convivido de perto com o autor deste *O Escusado*, senti esta mesma onda de energia positiva que se desprende destas páginas que encerram, de forma convicta e entusiasmante, a força de viver que foi e é apanágio do seu autor.

Luís Franco imprime aos 32 capítulos do livro um ritmo e uma força narrativa que nos prende e nos fascina. Prende-nos pelo que desvenda da sua vida de aventura e fascina-nos porque nos mergulha em acontecimentos da segunda metade do século passado, desde a II Guerra Mundial – o autor nasceu em 1942 – até aos grandes acontecimentos nacionais e regionais, com os Alvores de Abril, com as confusões que se lhe seguiram, com o 6 de Junho de 1975, as prisões, a FLA e muito do que viveu, na Lavoura, na indústria, na pesca e nas mil e uma aventuras empresariais e financeiras em que se envolveu.

Como escreve Carlos Melo Bento – também ele preso político na sequência do 6 de Junho – numa rede social, este livro *“é um relato fascinante dum personalidade única dos nossos tempos que se começa a ler e não se consegue parar sem chegar ao fim. As revelações que faz sobre a vida destes períodos únicos da nossa história, faz deste livro uma peça fundamental para nos conhecermos a nós próprios.”*

Efectivamente – e o rosário de desafios é do próprio Luís Vasconcelos Franco – ele foi no pós-25 de Abril e na época quente que se lhe seguiu, membro do MAPA (Movimento para a Autodeterminação do Povo Açoreano), fundador e director da Associação Agrícola de



Luís de Vasconcelos Franco

São Miguel, participante e investigador na manifestação do 6 de Junho, pertenceu ao grupo de ocupantes do Emissor Regional dos Açores e autor do comunicado então lido naquela estação emissora, preso político e membro da FLA.

Ao narrar cada um desses “passos da sua vida” transporta-nos o autor a todos estes acontecimentos, numa narração subjectiva, é certo, mas que constitui importante ângulo para nos ajudar a ter uma visão mais abrangente da história recente dos Açores, mais concretamente na ilha de São Miguel.

Creio que a melhor definição sobre a personalidade que este livro encerra e nos revela é feita pelo próprio autor: *“Sempre me considerara um homem livre e nem*

*necessitava de ser político para ter protagonismo social. O resto era o gozo de fazer coisas, de criar postos de trabalho, de viver a vida sem dar cavaco a ninguém. Sofri as consequências? Sempre o admiti.”*

E que consequências! Por elas e apesar delas, o menino agora ancião tem algo que ninguém lhe pode tirar: o amor da família que transparece em todas as suas preocupações feitas de ausências e presenças, atravessando fronteiras e continentes dos Açores à Europa, da América ao Brasil. Um homem para quem o lar é o mundo!

Este foi um livro que li, saboreando e vivendo alguns acontecimentos como se em filme fosse, porque na minha vida de jornalista, muitos deles acompanhei e sobre eles escrevi.

Por isso mesmo, aquilo que Américo Viveiros escreve no Prefácio, resume de forma feliz e profunda o que senti como leitor:

*“Possuidor de um requintado humor, o menino, agora chegado a ancião, tem o dom de fazer amigos, e ao longo do livro descreve, numa linguagem cristalina, factos e pessoas com quem se tem cruzado ao longo da vida.*

*Nem sempre o faz com meiguice, mas nesses caso, magoado pelas decepções que sofreu, umas devido à conjuntura política em que se situaram, outras devido às crises económicas e financeiras que o país e a Região passaram no último quarto do Século XX.*

*Luís Franco é um fazedor de coisas. Gosta de as multiplicar, empenha-se nelas com uma força quase vulcânica. Tem uma vida preenchida de sonhos e vontade de ser útil à sociedade.*

*Enquanto menino e moço teve períodos fulgentes, e outros de incerteza, superando-os sempre com o vigor que conserva.*

*A certa altura Luís Franco escreve que “houve tantos, pequenos e inesquecíveis, momentos em que fui actor. Noutros, deveras mais importantes, fui apenas espectador”.*

E é, precisamente, neste misto de actor e espectador que reside um dos apelativos encantos deste livro, porque Luís Vasconcelos Franco não tem medo das palavras, mas sabe usá-las no momento certo e na forma certa, acutilantes, umas vezes, gratas outras e temas também, principalmente quando se refere à família e aos amigos.

E aqui está um livro que não é literatura, nem se insere na chamada *escrita diarística*. É uma narrativa recheada de sentimento, como que uma ilha, ou melhor, um arquipélago de vivências rodeado de irreverência e de coragem por todos os lados.

E, como corolário destas *Leituras do Atlântico*, acho que devo deixar aqui o que há pouco tempo disse Luís Vasconcelos Franco ao *Correio dos Açores*, na rubrica *Face a Face*, sobre a génese e as consequências da Autonomia dos Açores: *“Sem a pressão da altura, - 1975 - nunca teria havido Junta Governativa, nem Estatuto Provisório nem coisíssima nenhuma. Os Açores passariam de Ilhas Adjacentes para a Província dos Açores e até as Juntas Gerais teriam desaparecido. Apesar de, pessoalmente, não ter colhido nenhum benefício económico da Autonomia, antes pelo contrário, não nego que os Açores têm conseguido um desenvolvimento social notável e, sobretudo, uma atenção do Governo Central e da Comunidade Europeia que nunca teriam tido sem a sua Autonomia Política e Administrativa”.*

É verdade, caríssimo Luís Vasconcelos Franco: *“Sempre que há uma história que tem de ser contada, há um livro que tem de ser escrito”*, como escreveu Ernest Hemingway... E que livro!

Parabéns, neste abraço.